

NARRANDO O TEMPO/VIDA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DISCURSIVA DE SER E ESTAR NA LINGUAGEM.

NARRATING TIME/LIFE: THEORETICAL REFLECTIONS ON THE DISCURSIVE EXPERIENCE OF BEING IN LANGUAGE.

Gabriel Fortes Cavalcanti de Macêdo¹

RESUMO: No presente texto apresenta-se uma breve introdução acerca da perspectiva culturalista e sua relevância para os estudos em Psicologia levando em conta sua dimensão histórica e principais expoentes dos ramos científicos que legitimaram a virada linguística nos estudos psicológicos, não pretendo uma revisão exaustiva, mas sim, definir os horizontes da área. Usando como exemplo, serão analisados os marcadores discursivos nos versos de um Fado português intitulado “Vida vivida” de Argentina Santos discute-se a materialidade da vida subjetiva e o potencial da criação artística como análoga ao funcionamento da vida subjetiva cotidiana. Vê-se então, que os usos de determinados marcadores linguísticos afetam não somente a construção textual (relações sintáticas ou semânticas), mas também, os modos de organização da vida do sujeito (a experiência psicológica subjetiva), assim como, as práticas sociais que decorreram dos usos que certos enlaces discursivos permitem (nível pragmático), constituindo assim o enredo da própria vida (a textualidade da experiência humana) como uma forma de narrativa de si mesmo. Advogando, a partir do exemplo analisado, a importância do aspecto experiencial (e poético) da vida humana vivido na linguagem, e, talvez, negligenciada em algumas perspectivas contemporâneas na Psicologia. Discute-se ainda a relevância do estudo de narrativas na psicologia, uma vez que, ela (a narrativa) permite construir realidades, produzir sentidos e experimentar a vida subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: narratividade; discurso; subjetividade; temporalidade; psicologia.

ABSTRACT: On the present paper it is briefly introduced the culturalistic perspective and its relevance towards the studies in Psychology, taking its historical dimension and also its main characters who legitimated the linguistic turn into the psychological studies, I do not intend an exhaustive revision, but actually, define the horizons of the field. Using as an example it will be analyzed the discursive markers in the Portuguese Fado entitled “Vida vivida” [lived life] from Argentina Santos, discussing the subjective life materiality and the potential of artistic creation as analogous to real life subjectivity. It is seen that the uses of determined linguistic markers enables not only the textual construction (syntax and semantics relations), but also, the ways a person organize its own life (psychological subjective experience), as so, the social practices enabled by discursive organization (in pragmatic level), constituting one’s own life plot (as the textuality of human experience) as a form of self-narrative. Arguing, from the analyzed example, the importance of the experiential dimension of human life lived through language (as a poetic dimension of experience), and, perhaps, neglected in some perspectives of contemporary Psychology. It is also discussed the relevance of studying narratives in psychology, since it (the narrative) allows us construct realities, make sense and experience subjective life.

KEYWORDS: narrativity; discourse; subjectivity; temporality; psychology.

¹ Psicólogo, mestre e doutorando em Psicologia Cognitiva pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fortes-gabriel@hotmail.com.

INTRODUÇÃO:

O presente ensaio tem por objetivo discutir as relações entre a ação narrativa como forma de organização da experiência de si mesmo no tempo e através desta discussão pensar na importância dos estudos sobre a atividade simbólica humana para Psicologia como ciência. Para enfatizar, o foco é em discutir a dimensão “experiencial” da atividade simbólica humana, em especial, da linguagem, defendendo assim uma perspectiva estética da experiência humana ao longo da vida. No entanto, para fundamentar esta proposta é preciso percorrer o movimento intelectual que permitiu reconhecer processos psicológicos em práticas discursivas – que reconhecidamente tem seu papel em pesquisas sobre política, histórias de vida, ética, no entanto, menos ênfase é dada ao campo da experiência humana. No campo dos estudos literários, poéticos e da história da arte essa é uma dimensão de grande importância (NAPOLITANO, 2003), e queremos com isto, importar pontos das discussões sobre literatura para discutir Psicologia.

Assim, neste trabalho tentar-se-á enlaçar as principais ideias que legitimam os estudos discursivos na psicologia; privilegiando a Narrativa como atividade linguística de caráter psicológico que permite pensar sobre como seres humanos organizam suas experiências – um apelo para compreensão da narrativa como instância cognitiva de organização da própria experiência humana e não somente da expressão da experiência. Pretendo ainda, através da breve análise de um fado português usar como exemplo para olhar a materialidade sociolinguística da vida psíquica nestas manifestações discursivas, portanto, discutirei a ideia de que narrando: ao mesmo tempo em que se diz algo se faz algo, e mais importante, se sente algo – que trataremos ao longo do texto como parte central da experiência humana. Estabelecendo assim um nível poético e sensível da experiência humana concretizado nos modos de organização discursiva da vida comum – para além, ou somado, ao parâmetro cognitivo das narrativas (enquanto memória ou lógica mental).

As perspectivas que tomam a narrativa (ou o estudo das narrativas) se inserem em um movimento amplo de ruptura com paradigmas científicos tradicionalistas que dominaram as ciências humanas e sociais durante bastante tempo (SARBIN, 1986). A tradição pode ser vista por dois tipos de pensamentos recorrentes e bastante característicos: 1) de que existe uma cisão entre processos mentais e processos discursivos, o segundo no máximo é a expressão do conteúdo do primeiro, sendo assim estabelecendo um modelo de linguagem como representação direta de conteúdos mentais (criticado por VIGOTSKI, 2000); 2) a concepção de que a mente é o lugar de processamento de informação, compreendendo a mente e os processos cognitivos

análogos ao modo de funcionamento do computador (VALSINER, 2012), lugar de armazenamento do pensamento e de conteúdos típicos, tendo como maior símbolo o cérebro excluído do corpo ou do contexto no qual se insere.

A primeira tentativa de análise de narrativas foi feita pela tradição linguística na qual as narrativas eram observadas a partir de sua estrutura formal e fundamental, seja na escrita ou nas tradições orais, no entanto, esses estudos privilegiavam a descoberta da narrativa universal que conduzia a vida em comunidade dos povos, tentando então, achar a estrutura básica de todas as narrativas, o ponto de encontro onde essa produção literária seria reconhecida como a forma universal de transmissão cultural entre os povos. Essa perspectiva das narrativas é bastante reconhecida nas obras dos formalistas russos e dos estruturalistas da linguagem (VIEIRA, 2001), que tentaram estudar as narrativas a partir do sistema língua. O presente estudo aceita a herança importante da contribuição destes movimentos para o estudo das narrativas, no entanto, tenta prosseguir na discussão, não se atendo a divisão entre linguagem e subjetividade (entre o sistema linguístico da narrativa e o usuário da língua em ação).

Dois movimentos bastante representativos surgem como contraponto a estas concepções tradicionalistas. Bruner (1997a) contextualiza como primeiro movimento da segunda revolução cognitiva um modelo alternativo para compreender os processos mentais (cognitivos) para além de sua analogia ao computador, e sim, entender a cognição humana como parte de um sistema complexo, aberto e em constante desenvolvimento, que tem como base fundamental a ideia de processos cognitivos situados, ou seja, contextualizados e que não estão dados em si mesmos, são na verdade, processos em mudança que tem sua existência bastante localizada na situação de produção e no contexto de acontecimento. Essa proposta ainda preserva uma percepção cognitiva das formas simbólicas humanas, ou seja, como parte das funções e estruturas psicológicas, dando menos destaque, ao fato da experiência sensível ser parte dessa organização dos processos psicológicos.

O segundo movimento foi o da virada linguística ou discursiva (hermenêutica), que as ciências sociais emprestaram à Psicologia. A ideia que está lançada a partir desse momento é o de que o pesquisador está diante de fenômenos discursivos e que sua implicação é direta e inerentemente interpretativa sendo este o movimento privilegiado na construção do conhecimento. Assim, a experiência humana, então, não é imediata no sujeito, mas sim, mediada pelos referenciais simbólicos da cultura (VALSINER, 2012; BRUNER, 1997b; BOESCH, 2001). Dennett (1992), por exemplo, defende que a narrativa nos estudos hermenêuticos representa um nível que circunscreve o que se pode entender como a construção de *selves*. Para o autor o centro

de gravidade das formas humanas de existência (o *self*) estaria em um tipo de gravidade narrativa. Para ele as narrativas humanas são as formas empíricas de observação da experiência subjetiva do modo como os seres humanos a vivenciam.

Além disto, surge com esta compreensão o entendimento dos movimentos discursivos como constitutivos da vida psíquica, sendo assim, linguagem e cognição mais se aproximam do que se afastam, seriam processos mutuamente constitutivos (ainda que com traços distintivos, WERTSCH, 2008). E por último, a ideia de que quando se diz algo, está se fazendo algo, agindo no mundo e que isto não seria a representação direta de conteúdos mentais, mas sim, a possibilidade de organização da vida subjetiva em materialidade objetiva, é na linguagem em ação que podemos entender modos de produção de realidade negociada socialmente. Sendo assim, as relações semióticas (relação entre formas simbólicas socialmente compartilhadas) seriam mais do que uma competência exclusiva de um ser, seria então, modos de existir e agir sobre a realidade constituindo-a (BRUNER, 1997b), ideologicamente orientada (BAKHTIN, 2009), negociada socialmente (JOSEPHS & VALSINER, 1998) e impulsionadora de desenvolvimento humano (VYGOTSKY, 1989).

Desta forma, nos situamos em um momento especial para compreensão do psiquismo humano. De um lado, entendemos a vida subjetiva como uma construção mediada por signos (WERTSCH, 1994), por outro, vemos a expressão linguística constituída em sua situação de produção, fazendo uso de estruturas prévias, para assim, se atualizar no ato de enunciar (BAKHTIN, 2009). Com isto, entendemos que a narrativa, como ação discursiva, tem características estruturais recorrentes, porém, bastante atualizadas no uso cotidiano do discurso (a linguagem em ação). Podemos perceber nas narrativas, em geral, uma sequência textual orientada temporalmente (relação de anterioridade entre as palavras) e que faz enlace entre eventos enredando-os numa trama particular ao narrador e que permite enquadramento dos possíveis sentidos para o interlocutor (BRUNER, 1997a), independente do meio simbólico pelo qual pessoas estabelecem relação.

Assim, há privilégio das narrativas como fonte de pesquisa em ciências humanas por compreender os modos de organização da própria experiência das pessoas. Os estudos da narrativa se inserem de forma bastante particular neste momento das ciências cognitivas e discursivas, uma vez que, como vemos em Brockmeier & Harré (2003) a narrativa surge como fenômeno de caráter discursivo que apresenta correlação com a constituição de processos cognitivos de organização de si no tempo e no espaço, além de, constituir modos de experienciar a realidade. Os estudos da narrativa têm raízes em diferentes modos de construção do

conhecimento, entre eles a etnografia, antropologia, sociologia e a filosofia, e seu eco pode ser ouvido na psicologia de forma bastante forte, especialmente na psicologia de base discursiva e nas psicoterapias de forma bastante ampla (HERMANS & DIMAGGIO, 2004; HERMANS, 2004; VALSINER, 2012).

Portanto, estamos lidando com fenômeno que em sua natureza é socialmente constituído, discursivamente produzido e organizador de processos cognitivos, e também, estrutura a experiência individual e subjetiva. Sua inserção na ciência é ampla e transdisciplinar, no entanto, é preciso caracterizar que parto das abordagens culturalistas e discursivas para compreender meu fenômeno de estudo, sendo estas abordagens já uma versão do todo que é a narrativa, como nos diz Bruner (1997a), a produção científica já em uma primeira tentativa de literatura, uma versão da realidade e, obviamente, uma prática discursiva que se insere em sua realidade de produção.

Com isto em vista, temos então um cenário propício para se discutir as relações entre narrativas e subjetividade. Tento focar em características gerais das narrativas para desenvolver meu argumento, em especial, três focos: 1) a ideia que produzimos sentido na cultura (BOESCH, 2008), 2) construímos a realidade que vivemos e isso gera práticas sociais compartilhadas (BRUNER, 1991) e que o 3) ato de narrar a sua história exerce função organizadora da experiência, assim como, exerce papel importante nas transformações dos modos de experienciar o mundo (HAYE & LARRAIN, 2013) e a si mesmo (NELSON, 2003). Aprofundando o tópico debatido, discutiremos a partir da ideia de que a experiência de si no tempo (cronológico) é mediada pela narração da própria experiência, sendo assim, a narrativa ajuda (além de constituir uma linha temporal – e mnemônica – para a própria experiência) a circunscrever a experiência de si mesmo no mundo, dentro da noção de tempo constituído culturalmente (através de referenciais simbólicos sociossemióticos).

A fim de finalizar esta introdução, devemos ter em mente que trabalhamos com um fenômeno (a narrativa) de caráter discursivo com implicações para vida subjetiva das pessoas, tanto na organização destas experiências, como na transformação qualitativa de experienciar o mundo a longo da vida (tempo vivido), ou seja, estudar como as pessoas constituem narrativamente a sua experiência no tempo e do tempo. E mais ainda, tentamos discutir o que nos evidenciaria que existe no discurso materialidade da vida psíquica do usuário da língua, uma vez que, linguagem é aqui entendida para além dos parâmetros de seu sistema, sendo assim, compreendida em sua dimensão dialógica e constitutiva da própria matéria psíquica (BAKHTIN, 2009).

AS EXPERIÊNCIAS DE TEMPORALIDADE HUMANA:

Temos então, para fins de argumento, que trabalhar com algumas temporalidades possíveis. A cronológica, a da própria narrativa (o ato de narrar), a transformação no tempo que narrar ocasiona (qualidade e intensidade da experiência) e a metáfora que narrar o tempo sobre si mesmo sugere, o tempo vivido, tempo este que não é localizado pela sua linearidade, mas sim, pelo modo como o sujeito narra sua própria história, como se vê ao longo tempo. Portanto, Como o texto apresenta parâmetros visíveis da narrativa enquanto construtora de realidade, produtora de sentidos e organizadora da própria experiência no mundo.

Por mediar a construção da realidade na experiência psicológica (ROMMETVEIT, 2009; ZITTOUN, 2012) entendemos que é a narrativa quem melhor caracteriza a ideia de que compartilhamos a realidade que vivemos, e não, que ela seja única e exclusiva para todos. Sendo assim, é preciso refletir sobre o papel de contar (ou pensar) sobre a sua própria experiência ao longo do tempo transforma a realidade em que se vive, uma vez que, é essa mesma crença na realidade que legitimará certas práticas, que aqui chamaremos de práticas discursivas, uma vez que são manifestações de crenças pessoais, culturalmente guiadas e discursivamente constituídas e expressas. Atemo-nos a experiência de si no tempo, ou seja, a experiência de estar vivo no tempo.

Uma vez que as narrativas são composições hermenêuticas (BRUNER, 1997a) com possibilidade de interpretação e transformação, entendemos que é justamente essa dimensão transformacional que permite e obriga as pessoas a contar sobre a vida dando a ela sempre uma nova versão, uma revisitação do suposto fato acontecido. Portanto, trabalhamos com a ideia de que produzir sentidos é estar constantemente renovando seus sentidos, uma vez que a linguagem não se resume às suas funções sintático-gramaticais, pensando assim, a produção de sentidos é a possibilidade de transformar o antigo no novo, e assim, transformar também o evento (fato) passado em experiência de vida (memória e sensação).

Nada do que disse acima poderia ser verdade se não houvesse neste modo narrativo a função de organização de si no tempo. Essa organização é o que permite ao sujeito continuidade e unidade da sua personalidade ao longo do tempo, uma vez que, é na sua própria história de vida que está constituído quem o sujeito é, e não em uma unidade anterior ao narrado, não existe ser fora daquele que tem e diz da própria história. Hayes & Larrain (2013) argumentam que a discursividade dos processos psicológicos é encontrada justamente no papel mediador que os operadores discursivos na composição da experiência subjetiva da realidade. E contar sobre si é, no mínimo, afirmar, posicionar sobre si e para si.

Temos então, a dimensão em que narrar é estabelecer uma posição no mundo, se definir e manter unidade de si, estabelecendo elos, seja no próprio texto narrativo (na dimensão gramatical), seja na produção de sentidos (no eixo semântico), ou nos atos linguísticos que permitem ao texto ganhar vida no contexto (no eixo pragmático). Sendo assim, é a narrativa mediadora da experiência do momento e a identidade gerada pela produção de sentidos que tal experiência promove nas pessoas.

O que afirmamos não é que a narrativa constitui o tempo humano (em um quadro psicofísico, por exemplo), no entanto, construir sentidos sobre o que o tempo e tomar esses sentidos como guias para modos de encarar a realidade, isso sim é narrativo – nesta condição o discurso é mediador direto da experiência de estar e ser no tempo. E mais, que esse passar é, no mínimo, o passar da vida que ele próprio vivenciou e que usa como modos de organização para o presente e o futuro (e também de reorganização do passado).

Então, é a constitutividade narrativa das nossas experiências que permite continuidade de si mesmo no tempo (continuidade no sentido simbólico), mesmo que cada momento seja único e que passamos por mudanças constantes o tempo todo, algo nos garante unidade de identidade, algo ainda nos puxa para a ideia que somos um, e sempre o mesmo, no tempo. Podemos dizer que é de responsabilidade da constituição narrativa da experiência manter-nos como um mesmo ser ao longo da vida, ainda que cheio de mudança ao longo dela. A experiência de si no tempo deixa de ser de fatos no tempo, e passa a ser a sensação de vida que vai passando.

INVESTIGANDO A POÉTICA DA EXPERIÊNCIA NARRATIVA:

Como mencionado acima trataremos de investigar no enredo de um Fado português a materialidade da vida subjetiva que subjaz à estrutura das narrativas, por tanto, faremos um percurso investigativo por um texto que concebemos como narrativo e que privilegia a compreensão e organização da experiência subjetiva do locutor e dos interlocutores (uma vez que partimos da perspectiva dialógica dos enunciados). Um dado que pode nos oferecer aproximação entre os estudos culturais das narrativas ao Fado é sua particularidade de transmissão oral de experiências, ou seja, além de manifestação artística musical é também veículo de transmissão oral da cultura de um povo, sendo o fado proclamado pela UNESCO Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade², o que nos mostra que o uso do Fado como instrumento de análise para estudos culturais é legítimo em diferentes dimensões (social, política, ideológica, cultural).

² Para maiores informações sobre a importância do fado na cultura de Portugal: <http://www0.rtp.pt/noticias/index.php?article=503874&tm=4&layout=121&visual=49>

O Fado caracteriza-se, de forma geral, como a música sobre o destino (Fado vem do latim *fatum* que significa destino), a vida pregressa e o sofrimento da vida comum. Dentro da história do fado há grandes mudanças e ele é regionalmente modificado, no entanto, para nossa reflexão, basta entender que a manifestação cultural dos fadistas é a de expor a subjetividade transcrita na tradição de um povo marcado pela solidão e a saudade.

Importante notar que se aproximam neste trabalho a prosa e a poesia de forma intencional por estarmos tratando das dimensões estéticas da constituição do discurso como exemplo do funcionamento destas dimensões na vida. Ainda que sejam formas diferentes de expressão (na arte e na vida) lidamos aqui com os modos de construir sentidos no discurso que na arte e na vida estão presentes, neste sentido, aproximamos o que há de comum nas formas da narratividade poética e da vida comum (BAKHTIN, 2003) a fim de entender de que maneira a dimensão estética (a expressividade e a experiência da expressividade) é mediadora das formas de organização da subjetividade (MOGHADDAM, 2004).

Além de refletir acerca do conteúdo deste fado, tentamos criar a ponte que permite entender como as ações discursivas transcritas dos versos são modos de mediação da experiência da passagem do tempo construída tanto pelo locutor quanto pelos interlocutores (relação entre autor, personagem e leitor). Sendo assim é justamente através do todo discursivo (da gramática à pragmática) que podemos perceber a realidade psíquica que subjaz à manifestação poética, e como isto repercute na compreensão de si no mundo, dando a si a ideia de continuidade no tempo, mas, além disto, a ideia de que existem modos diferentes de organizar essa experiência de continuidade.

O Fado chama-se “Vida vivida”, que pelo título já nos antecipa um modo de perceber e expor aquilo que passou, e é de autoria de Argentina Santos:

*Volta atrás vida vivida
Para eu tornar a ver
Aquele vida perdida
Que nunca soube viver
Voltar de novo quem dera
A tal tempo, que saudade
Volta sempre a primavera
Só não volta a mocidade
A vida começa cedo
Mas assim que ela começa
Começamos por ter medo
Que ela se acabe depressa
O tempo vai-se passando
E a gente vai-se iludindo*

*Ora rindo, ora chorando
Ora chorando ora rindo
Meu deus, como o tempo passa
Dizemos de quando em quando
Afinal, o tempo fica
A gente é que vai passando*

Enquanto manifestação artística a obra tem um acabamento que os sentidos do discurso da vida comum não têm. BAKHTIN (2003) captura essa dimensão de maneira bastante particular, propondo que o todo discursivo do texto se concretiza em seu acabamento poético, que o autor russo chama de dependência das formas poéticas do gênero de discurso; para nossa investigação é importante ressaltar o caráter dramático da poesia, ressaltando que nosso foco é a relação entre diferentes modos de dizer sobre a passagem de tempo e os diferentes modos de organização da vida subjetiva que isso acarreta (a relação de mediação exercida entre o dizer e o sentir – e, claro, vice-versa), portanto, esse estudo faz uso de parâmetros da análise literária, porém, tem por objetivo estudar a relação entre discurso e a organização da vida subjetiva psicológica.

Se, como dito acima, a poesia tem uma forma fechada em si mesma de apresentação estética (só podemos apreciar o todo da literatura), na vida, ocorre de forma contrária, a produção discursiva através dos gêneros é sempre aberta – o final de um enunciado sempre carrega consigo a possibilidade de uma resposta. Ao abordarmos a construção da realidade através da literatura tentamos capturar essa dimensão; a da constante reconstrução dos significados na passagem do tempo, demonstrando a importância dos aspectos textuais linguísticos para construção de modos particulares de viver o cotidiano. Acredita-se que a literatura apresenta um potencial para observar o funcionamento psicológico da linguagem e das formas de viver a realidade (MACÊDO & VIEIRA, 2015).

ANÁLISE E DISCUSSÃO:

Para investigar tanto a materialidade subjetiva que é expressa no texto e como isto faz parte da organização e produção de sentidos, irei recorrer a duas formas de olhar para o texto. Primeiro em sua determinidade linguística, que chamarei de microtextual, onde podemos encontrar como certos operadores privilegiam a construção de sentidos que ajudam o locutor a se colocar no mundo e auxiliam o interlocutor nos limites possíveis para os sentidos que vão ser produzidos a partir da leitura (ou escuta). Em outras palavras, apesar de ser um estudo hermenêutico que depende da interpretação para operacionalizar a análise, não partimos da ideia

de que qualquer análise seja possível, as afirmações possíveis neste estudo só são por acreditar que são autorizadas pela materialidade linguística do texto.

Em segundo lugar, olhar para o eixo macrotextual do texto em questão, o aspecto macro está ligado às unidades semânticas e pragmáticas da produção discursiva, portanto, olhar para o eixo semântico que é mantido ao longo do texto, as transformações pragmáticas (os efeitos de discurso e a intencionalidade) que os diferentes arranjos linguísticos geram e refletir acerca dos limites de se olhar para os textos apenas em suas dimensões linguísticas. E por fim, discutir a relação entre a produção textual e a organização psíquica de ser no mundo. A discussão sobre aspectos macro e microtextuais pode ser encontrada em Spinillo (2001) que afirma serem competências cognitivas de alta ordem a capacidade de produzir textos sofisticados e que a compreensão global dos sentidos do texto depende da organização microtextual. Sendo assim, as afirmações analíticas recaem sobre como construir categorias dos sentidos (e da vida subjetiva) a partir do olhar sobre os aspectos linguísticos do texto.

Em se tratando de aspectos microtextuais, podemos falar que trabalharemos com marcadores linguísticos que nos indiquem de que maneira o uso de certos termos auxilia o locutor a organizar sua experiência do tempo (para si, personagem, e para os outros, leitores), fazendo assim, com que seja possível perceber de que maneira a autora lida e constrói a realidade.

Ao dizer: “Volta *atrás* vida vivida”, no primeiro verso deste fado, sublinhamos em itálico o que nos parece ser o nosso melhor indicador e seu qualificador. O verbo voltar, neste caso, indica que o tempo é aquele que passou e ao somarmos o advérbio de lugar “atrás” estamos lidando com um tempo que não só passou, mas agora, que está localizado em algum “lugar” do passado. Bakhtin (2006) usa do termo cronótopo para tratar da maneira como na literatura se constrói uma imagem de tempo associada ao espaço e que operacionaliza toda organização da experiência do personagem na obra. Entendo que o uso deste advérbio é determinante para organização da experiência do tempo criando um efeito de realidade próprio da construção dos discursos. Esse efeito se torna central e organizador da experiência do que é e o que pode significar a vida vivida, neste sentido, exerce função de mediador entre a vida real e a vida enquanto experiência psicológica passada que ficou em algum lugar.

Outro exemplo desta modalidade de organização narrativa da experiência do tempo vivido é o trecho: “A *tal* tempo, *que* saudade”. Vemos nessa situação o uso do determinante demonstrativo “tal” como indicador de referência a um determinado tempo (o tempo que aconteceu a alguém e não como o tempo do relógio), neste caso, o tempo que é seu, ou que lhe aconteceu – configurando a experiência de tempo como uma experiência de eventos de

construção do *self* (MACÊDO & VIEIRA, 2015). E ainda, para caracterizar este tal tempo, usa-se o qualificador “que” que indica intensidade da saudade que se sente do tempo que passou. Portanto, vemos nestas duas análises como, de fato, a marca microtextual, ou seja, como o uso de determinados marcadores influenciam no modo como a realidade (psicológica) é construída através da narrativa. O que se quer demonstrar não é o caráter textual, na verdade, a reflexão que surge destes exemplos é que o caráter mediador que os marcadores linguísticos exercem no texto, são também, mediadores das relações subjetivas existente no modo de organização da vida psíquica humana.

Outro dado das estruturas mais superficiais do texto que podem ser considerados importantes para caracterizar o uso do discurso para construir realidade e organizar a experiência subjetiva do sujeito é o uso de pronomes próprios e a verbos conjugados na primeira pessoa, seja no singular ou no plural, como acontece nos dois trechos: “Para *eu* tornar a ver” e “*Começamos* por ter medo”. O que nos indicaria a implicação pessoal daquele que fala, ou seja, queremos destacar o compromisso pessoal com aquilo que é manifestado no discurso, constituindo não só fato discursivo, mas também, realidade pessoal e modos de conviver com essa realidade.

Passando agora para o eixo macrotextual temos a coerência semântica do texto e o efeito pragmático daquilo que é dito. Veremos nos próximos trechos a construção semântica que é própria da função narrativa, organizar os enlaces do texto fazendo com que a narrativa ganhe sentido e coerência como um todo global textual:

*Volta sempre a primavera
Só não volta a mocidade*

Nestes versos vemos assinalados os eixos semânticos que nos permitem ver continuidade de ideia para o texto como um todo. Fazendo interpretação simples deste trecho entendemos as relações diretas entre as palavras e o uso (tão particular às artes) de tensões para se acentuar aquilo que se quer dizer. Vemos então, a irreversibilidade do tempo como marcador semântico que dá unidade ao texto como um todo caracterizado pelas alegorias da primavera (estação do ano associada à alegria) e mocidade (juventude a qual não se retornará), sendo assim, o texto nos transporta para a ideia de que existem duas realidades para o tempo, aquele que é independente de quem experimenta, e aquele que se refere a sua experiência de um tempo que já não pode mais voltar. Articulando assim duas dimensões da vivência humana no tempo: uma exterior e cíclica e outra interior e passageira.

Seguindo temos:

*Aquela vida perdida
Que nunca soube viver*

Já aqui vemos outra dimensão que está caracterizada no texto, a ideia da irrepetibilidade da vida. Em Bakhtin (2003) se tem uma reflexão bastante interessante do aspecto responsável (ético) das funções estéticas da linguagem, todo enunciado carrega consigo um valor emocional e intencional, sendo assim, o locutor não só fala como também se compromete com aquilo que diz – e sente na mesma medida. Neste trecho vê-se que a personagem delega a si mesma a responsabilidade de “saber” viver a vida e entende quem está “perdendo a vida” ao deixa-la passar.

Isto, em termos de construção de sentidos é bastante importante de se notar, pois, em último caso, é o que definiria como o sujeito agiria no mundo, de que maneira experienciaria a vida e qual a importância disto para ele (exercendo regulação semiótica sobre as decisões na vida). Neste caso, o eixo central é demarcar ao longo do fado que a vida é aquilo que foi vivido e que não se repetirá. Sentido esse que caracteriza globalmente, mais uma vez, todo o texto, e também, a experiência do sujeito que vive e lembra o passado. Olhar para própria experiência de vida como aquilo que foi perdido é também, mais do que a percepção de algo que passou, e isto é evidenciado pelo uso do “perdida” e do “nunca soube” o que nos remete ao fato de que além de não repetível, a vida, não foi vivida do modo que deveria ser. Se no plano artístico o efeito de melancolia é atingido através do uso poético das palavras, no campo psicológico, estamos lidando com modos “tristes” ou “infelizes” de organizar a própria experiência no mundo.

Ainda temos que refletir acerca dos aspectos pragmáticos que estão permeando toda construção textual, vê-se no trecho:

*O tempo vai-se passando
E **a gente** vai-se iludindo
(...)
Afinal, o tempo fica
A gente é que vai passando*

Para marcar a relação entre os termos comuns e os diferentes efeitos produzidos através do texto marcamos em itálico as palavras “vai” e “tempo”, em negrito “a gente” e sublinhado “passando”, marcando assim a similaridade sintática e a diferença semântica (dos sentidos) e pragmáticas (dos efeitos de realidade que os termos operam). Do ponto de vista artístico o uso de

termos iguais para causar efeitos de diferença é determinante para alcançar beleza no texto, no entanto, nossa preocupação é em entender como esses usos e sentidos são organizadores da experiência subjetiva de tempo, tomando como exemplo dos diferentes modos de ver e sentir a realidade.

Assinalando os significantes podemos perceber a transformação de sentidos que é vista, não em sua forma gramatical ou sintática, mas sim, em seu efeito de realidade, ou seja, a transformação que o “tempo” e “a gente” sofrem é no nível da experiência do sujeito no mundo, e não da classificação sintática-gramatical, que, mesmo que mudem, não justificariam toda mudança que decorre do novo arranjo dado para a ordem das palavras. Sendo assim, a realidade é modificada assim como a vida do sujeito é modificada como um todo. Poderíamos até dizer que a significação de mundo do sujeito mudaria a percepção de que aquele que passa é ele próprio, dimensionando sua finitude existencial e não do tempo, compreensão implacável para os que vivem, modificando por completo as possíveis práticas na vida cotidiana que decorrem do efeito da construção feita neste fado – assumindo, e defendendo, a relação entre discurso literário e discurso na vida comum (MACÊDO & VIEIRA, 2015; MARTSIN, 2012; MOGHADDAM, 2004).

Um pressuposto básico para entender o funcionamento humano na vida cotidiana é o de ser capaz de utilizar objetos (ou conceitos) de modo criativo (em alguma medida, sendo capaz de alterar sua função inicial para uma função desconhecida). Vygotsky (2012) trata disto como uma capacidade perdida em algumas doenças degenerativas observadas por ele em sua época; em alguns casos a relação entre ação, objetivo e pensamento tem que ser direta, como no caso do paciente que só, e somente só, conseguia usar uma colher como objeto de deslocamento da comida em direção à boca (em cenários diferentes o uso da colher parecia desprovido de sentido e utilidade). O fato marcante destes casos não é tão somente o caráter patológico, mas também, faz notar a importância da dimensão imaginativa operacionalizada pela mediação simbólica (semioticamente entendida). Ser capaz de realizar alterações nos sentidos não é só importante para a arte: o que se percebe é que conseguir alterar as formas de significação ajudam nas formas de lidar com a realidade comum.

A capacidade de alterar o nível representacional para alterar uma função de um objeto é uma tarefa que não está garantida na linguagem, nem tão pouco no pensamento, mas na verdade, é o efeito qualitativo da interrelação entre pensamento e linguagem na constituição de processos psicológicos superiores. A dimensão simbólica estudada aqui não é a linguagem (em sua estrutura morfossintática), nem somente no pensamento (em seu nível representacional ou de

processamento de informação), neste ponto, a narratividade é um modo de uso da linguagem e da organização do pensamento que só pode ser entendido quando um em se coloca relação ao outro.

Adicionalmente, outra ênfase dada por Vigotski (2000; 2012) a essa relação (e menos tratada tradicionalmente nas pesquisas psicológicas) é de que o elemento criativo não só se define pela operação mental (racional e representacional) de escolhas (na dimensão cognitiva), mas também, permite a experiência livre no mundo (livre, neste sentido, diz respeito a capacidade de alterar os modos de experiência do mundo) – a relação entre pensamento e linguagem permite modos diferentes de organização da própria vida para além dos impulsos e reações à estímulos externos. Entendemos, com isto, que a narratividade permite um modo de organização de processos psicológicos (como a memória, por exemplo), mas também configura um modo de “experimentar” a realidade (tornando a vida dinâmica e mutável, ainda que relativamente estável).

Pode-se dizer então que narrar a vida possibilita arquitetar o pensamento, mas além disto, caracterizar os movimentos de mediação discursiva da construção da subjetividade humana. O narrar (enquanto forma culturalmente compartilhada de atividade simbólica) estaria permeando toda construção de si mesmo, sendo ele responsável, ao ser produzido discursivamente estar constituindo a própria subjetividade das pessoas.

Reflexões finais:

Neste breve texto é discutido como a realidade textual (na literatura com implicações para vida comum) é importante para entendermos a produção de sentidos e a construção de realidade, e, em especial, na maneira como o sujeito organiza e estrutura sua própria experiência no mundo.

Sendo assim, os operadores discursivos não só organizam a tessitura intratextual ou as relações intertextuais, como também o que se percebe é a que organização narrativa ajuda a operacionalizar a própria experiência da realidade, neste caso, a experiência de ser-estar no tempo. A organização dos modos de apreender a realidade é diretamente mediada pela organização do discurso.

Recorrer a este tipo de ferramenta metodológica é de suma importância para caracterizar a materialidade psíquica que subjaz aos estudos do discurso – fugindo da crítica que abordagens hermenêuticas são relativistas. É refletindo acerca do texto como um todo que poderemos compreender os processos de significação que afetam a vida cotidiana de todos.

Algo relevante de ser mencionado é de que a construção narrativa da experiência de si mesmo, e da experiência do tempo, não só é importante para aquele que vive, mas também, em como sustentará práticas socialmente legitimadas, por exemplo, as memórias coletivas

(WAGONER, 2015), o que se percebe é que as formas de sentir e significar são mais do que a estruturação psicológica da experiência individual, estamos diante de um fenômeno que permite a relação entre formas de experiência da vida no âmbito socialmente compartilhado, seja pela divulgação da mensagem literária, seja sobre a ótica (que tentamos abordar aqui) de que a experiência da vida subjetiva é acompanhada pelas formas de construção simbólica da realidade.

Vê-se, portanto, que os estudos em psicologia de como as pessoas constroem a realidade, e de que modo essa é nessa realidade construída que todos vivem suas vidas se mostra tarefa imprescindível para se pensar em modos de intervenção e acolhimento em diferentes áreas da aplicação psicológica.

Alguns outros campos de estudo decorrem deste tipo de estudo das narrativas cotidianas (ou da mediação que a atividade semiótica exerce nas funções psicológicas e na experiência humana), como por exemplo, sobre o *self* dialógico (HERMANS, 2004), a identidade pessoal (MARTINEZ, TOMICIC, & MEDINA, 2014) e a memória (WAGONER & GILLESPIE, 2013). Neste sentido é preciso reforçar que o entendimento da relação entre atividades culturalmente compartilhadas e a vida subjetiva humana estão intimamente relacionadas e entender as formas simbólicas de organização da vida interior continuam importantes para a ciência psicológica.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. (P. Bezerra, Trad. 4ª Ed.) São Paulo: Martin Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. Forms of Time and of the Chronotope in the Novel: Notes toward a Historical Poetics. In BAKHTIN, M. *The Dialogic Imagination*. (Caryl Emerson e Michael Holquist, Trad.) Austin: University of Texas, 2006, p.84-258.
- BAKHTIN, M.; (VOLOCHINOV, V. N). *Marxismo e filosofia da linguagem* (13ª ed). São Paulo: Hucitec, 2009.
- BOESCH, E. E. Symbolic action theory on cultural psychology. *Culture & Psychology*, 7, 2001, p.479-483.
- BOESCH, E. E. On subjective culture: In response to Carlos Cornejo. *Culture & Psychology*, 14(4), 2008, p.498-512.
- BROCKMEIER, J., & HARRÉ, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 16(3), 2003, p.525-535. <http://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300011>
- BRUNER, J. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 17, 1991, p.229-247
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.
- BRUNER, J. Dois modos de pensamento. Em BRUNER, J. (Ed.): *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b, p.12-46.

- DENNETT, D. C. The Self as a Center of Narrative Gravity. In: KESSEL F., COLE P. AND JOHNSON, D. (eds.) *Self and Consciousness: Multiple Perspectives*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. *Philosophia* 15, 1992, p.275-88.
- HAYE, A., & LARRAIN, A. Discursively constituted experience, or experience as reply: A rejoinder. *Theory & Psychology*, 23(1), 2013, p.131-139. <http://doi.org/10.1177/0959354312465484>
- HERMANS, H. J. M. & DIMAGGIO, G. The dialogical self psychotherapy: Introduction. In H. J. M. HERMANS & G. DIMAGGIO (Eds.), *The dialogical self in psychotherapy*. Hove, East Sussex, UK: Brunner-Routledge, 2004, p.1-10.
- HERMANS, H. J. M. (2004). The innovation of self-narratives: A dialogical approach. In L. E. ANGUS & J. MCLEOD (Eds), *The handbook of narrative and psychotherapy*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004, p.175-191.
- JOSEPHS, I. E. & VALSINER, J. (1998). How does autodiologue work? Miracles of meaning maintenance and circumvention strategies. *Social Psychology Quarterly*, 61(1), 1998, p.68-83.
- MACÊDO, G. F. C. DE, & VIEIRA, N. A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia. *Revista Bakhtiniana*, 10(1), 2015, p.119-136.
- MARTINEZ, C., TOMICIC, A., & MEDINA, L. Psychotherapy as a discursive genre: A dialogic approach. *Culture & Psychology*, 20(4), 2014 ,p.501-524.
- MARTSIN, M. On mind, mediation and meaning-making. *Culture & Psychology*, 18(3), 2012, p.425-440.
- MOGHADDAM, F. M. From “Psychology in Literature” to “Psychology is Literature”: An Exploration of Boundaries and Relationships. *Theory & Psychology*, 14(4), 2004, p.505-525.
- NAPOLITANO, M. “Hoje preciso refletir um pouco”: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda – 1971 / 1978. *História*, 22(1), 2003, p.115-134.
- NELSON, K. Narrative and the emergence of a consciousness of self. Em FRIEDMAM G., MCVAY JR. J. E FLANAGAN O. (Orgs.): *Narrative and Consciousness. Literature, Psychology and the Brain*. New York: Oxford University Press, Inc, 2003, p.17-36
- ROMMETVEIT, R. On the Role of “ a Psychology of the Second Person ” in Studies of Meaning , Language , and Mind. *Mind, Culture and Activity*, 10:3, 2009, p.37-41.
- SARBIN, T. R. (Org.) (1986). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct*. New York: Praeger
- SPINILLO, A. G. A produção de histórias por crianças: a textualidade em foco. Em J. CORREA; A. G SPINILLO & S. LEITÃO (Orgs.), *Desenvolvimento da linguagem: escrita e textualidade*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2001, p.73-116.
- WAGONER, B. Collective Remembering as a Process of Social Representation. *Cambridge Handbook of Social Representations*, 2015, p.143-162.
- WAGONER, B., & GILLESPIE, A. Sociocultural mediators of remembering: An extension of Bartlett’s method of repeated reproduction. *British Journal of Social Psychology*, 2013, p.622-639.
- WERTSCH, J. V. From social interaction to higher psychological processes: a clarification and application of Vygotsky’s theory. *Human Development*, 51, 2008, p.66-79.
- WERTSCH, J. V. The Primacy of Mediated Action in Sociocultural Studies. *Mind, Culture and Activity*, 1(4), 1994, p.202-208.

- VALSINER, J. *Fundamentos da Psicologia Cultural – Mundos da Mente Mundos da Vida*. Porto Alegre: Armed, 2012.
- VIEIRA, A. G. Do conceito de estrutura narrativa à sua crítica. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 14(3), 2001, p.599-608.
- VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. Concrete human psychology. *Soviet Psychology*, 27(2), 1989, p.53–77.
- VYGOTSKI, L. S. Imaginación y creatividad del adolescente. *Obras escogidas IV*. Machado Nuevo Aprendizaje, Madrid, 2012 (1931), p.205-224.
- ZITTOUN, T. (2012). Life-Course: A Socio-Cultural Perspective. In *Handbook of Culture and Psychology*, 2012, p. 513–535.